

Quem são as mulheres fotojornalistas de Mato Grosso do Sul? Mapeamento e entrevistas de profundidade em busca de uma cartografia regional de gênero¹

Ana Laura Menegat de Azevedo²

Daniela Giovana Siqueira³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

O fotojornalismo ainda é uma atividade jornalística predominantemente exercida por homens, revelando que a divisão sexual do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007) também permeia os espaços das redações. No Mato Grosso do Sul, a ausência de mulheres fotojornalistas se torna ainda mais gritante quando visto o contexto sócio-cultural regional, conservador e violento. O presente texto é parte de pesquisa baseada nas metodologias de jornalismo com perspectiva de gênero (Gustafson, 2019), Cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) e entrevista de profundidade (Medina, 1986). Os objetivos são mapear e conhecer quem são as mulheres fotojornalistas do MS. Onde elas estão? Que histórias elas estão contando?

PALAVRAS-CHAVE: mulheres fotojornalistas; jornalismo com perspectiva de gênero; Mato Grosso do Sul; fotojornalismo; divisão sexual do trabalho.

INTRODUÇÃO

Pensar uma comunicação visual no jornalismo, mais precisamente a partir do fotojornalismo exige olhar atento não apenas para as imagens produzidas, mas para os rostos, nomes e histórias das pessoas que criam essas imagens, ainda mais se essas pessoas forem mulheres. Em Mato Grosso do Sul, estado que mais mata mulheres no Brasil⁴, há poucas ocupando espaços como produtoras de imagens, fotojornalistas, e cinegrafistas, o que revela uma divisão sexual do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007) dentro das redações jornalísticas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT08CO - Estudos de Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Jornalista (UFMS) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), email: analaauram_azvd@outlook.com.

³ Professora no curso de Audiovisual e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), professora orientadora da pesquisa, email: daniela.siqueira@ufms.br.

⁴ Dados do Monitor da Violência e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública 2022 (FBSP).

Para falar de mulheres fotojornalistas, é preciso falar sobre gênero. O levantamento *The state of news photography 2018*, realizado pela World Press Photo em parceria com a University of Stirling, mapeou 1.1018 fotojornalistas ao redor do mundo, do total, apenas 187 são mulheres, o que equivale a 18%.

Em contrapartida, 57,8% de jornalistas no Brasil são mulheres, segundo o *Relatório Perfil do Jornalista Brasileiro 2021*, realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em conjunto com a Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJOR).

A pesquisadora Nathália Cunha da Silva (2018, p. 1) explica que “no Brasil as redações se feminizaram ao longo da história, enquanto o fotojornalismo conserva até hoje uma forte representatividade masculina”. Para ela, o abismo entre o protagonismo feminino no jornalismo e a falta dele no fotojornalismo é resultado da divisão sexual do trabalho, que separa as funções como “femininas” ou “masculinas” de acordo com o valor atribuído a elas pelo sistema patriarcal:

A própria cultura profissional presente no fotojornalismo valoriza os atributos associados ao estereótipo masculino como virilidade, objetividade e competitividade, e cobra das mulheres, para se manterem dentro da atividade e vislumbrarem algum reconhecimento, demonstrar um desempenho superior (Silva, 2018. p. 14).

Segundo Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p. 599) a divisão social do trabalho é um produto social e histórico que determina “a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos”. Para as pesquisadoras, essa divisão é pautada pelos princípios da separação e da hierarquia. A separação determina que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; a hierarquia determina que o trabalho dos homens vale mais do que o das mulheres, de forma que o trabalho deles é voltado à esfera produtiva, enquanto o trabalho delas, à esfera reprodutiva (Hirata; Kergoat, 2007).

Nas redações jornalísticas, grande parte das profissionais repórteres são mulheres, mas os cargos de chefia e edição ainda são predominantemente masculinos (e muitas vezes machistas). Quando considerada a relação entre jornalismo e audiovisual, que se estreita ainda mais ao analisar a função desenvolvida por uma fotojornalista, remetendo a um cenário ainda desigual e desproporcional entre mulheres e homens.

Esse cenário se agrava ainda mais ao ter em vista a realidade de mulheres fotojornalistas no Mato Grosso do Sul, estado conservador e violento. Por isso, pensar o cenário de produção de imagens fotojornalísticas e as rotinas produtivas das profissionais exige um olhar atento e calibrado com a perspectiva de gênero no jornalismo, conceituada por Jessica Gustafsson (2019) como uma lente de análise do mundo.

Refinar o olhar de gênero no jornalismo e fotojornalismo de Mato Grosso do Sul nos faz perceber que há homens demais e mulheres de menos construindo narrativas visuais sobre o cotidiano das cidades sul-mato-grossenses. As reflexões apresentadas neste texto fazem parte de uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFMS) que busca mapear, localizar, conhecer e compreender as histórias de vida e de trabalho de mulheres fotojornalistas no estado. Quem são elas e que tipo de fotojornalismo elas fazem são questionamentos norteadores da pesquisa.

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada nesta pesquisa parte do pressuposto da perspectiva de gênero como fio condutor para a pesquisa bibliográfica e de campo, e no tratamento dos dados a serem coletados. Entendendo gênero como uma categoria de análise histórica, como defende Joan Scott (1995):

O termo "gênero" faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (Scott, 1995, p. 85)

Ao aprofundar-se em estudos a respeito da perspectiva de gênero no jornalismo, principalmente a partir de Jessica Gustafson (2019), é possível compreender a neutralidade jornalística como uma ferramenta de dominação de narrativas.

No âmbito da pesquisa feita, considero que o jornalista só é visto como objetivo - e idealmente classificado como neutro e imparcial - quando reproduz o senso comum e os valores hegemônicos que circulam na sociedade, romantizando a prática jornalística e enaltecendo estas características nos discursos dos editoriais, comentários e demais produtos jornalísticos. Qualquer tentativa de transformação social mais posicionada, a partir da problematização de hierarquias e desigualdades sociais, principalmente as que se referem a gênero, implica no rótulo de jornalista tendencioso (Gustafson, 2019, p. 24-25).

Outra metodologia importante para essa pesquisa é a Cartografia. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009) explicam a cartografia como um método que permite a experimentação e a subjetividade, levando sempre em consideração as partes envolvidas no fazer acadêmico. Isso se dá pela “experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado”. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10-11).

Segundo o pesquisador e as pesquisadoras, o rigor está no caminho, no compromisso, no interesse e na intervenção. “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10). Dessa forma, para garantir esse rigor e traçar os caminhos percorridos pelas mulheres produtoras de imagens jornalísticas, a presente pesquisa propõe o mapeamento de mulheres fotojornalistas no estado de Mato Grosso do Sul, buscando identificá-las, a fim de obter dados quantitativos e qualitativos.

Na etapa quantitativa, já em andamento, está sendo realizada uma busca pelos nomes e dados dessas mulheres a partir do contato com editores de jornais de cinco cidades do estado, sendo elas Campo Grande, Dourados, Três Lagoas, Corumbá e Ponta Porã. Duas das cidades selecionadas além de reproduzirem questões regionais do território e da cultura de cidades interioranas, também abrigam disputas culturais e identitárias por serem regiões fronteiriças, característica que molda práticas sociais sul-mato-grossenses.

Após a localização das mulheres fotojornalistas, a etapa qualitativa será desenvolvida predominantemente pela prática de entrevistas de profundidade. Para Cremilda Medina (1986), o processo de entrevista não pode ser encarado como uma simples técnica, pois envolve interação social e interpretação da mensagem que está sendo transmitida, seja ela verbal ou corporal. Assim, a entrevista em profundidade é o ambiente em que as subjetividades de entrevistadora e entrevistada entram em diálogo, abrindo, assim, espaço para que histórias se revelem com calma e detalhamento, o que exige confiança e interesse de ambas partes.

RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados esperados para essa pesquisa são encontrar o maior número possível de mulheres fotojornalistas no Mato Grosso do Sul, sejam elas inseridas em veículos de comunicação tradicionais ou que atuem de forma independente. É de suma importância, além de localizá-las, entender quais atravessamentos perpassam suas vidas e seus contextos.

O mapeamento será fundamental para a criação de uma base de dados a respeito dessa categoria de profissionais no MS, principalmente por ter o olhar de gênero como lente de análise (Gustafson, 2019). Além disso, esperamos que as histórias a serem encontradas possam colaborar para a construção de uma memória coletiva sul-mato-grossense a respeito do fazer fotojornalístico feminino (e, em determinados casos, feminista) e da própria condição de ser mulher no Mato Grosso do Sul. Quem são as mulheres fotojornalistas do MS? Onde elas estão? Que histórias elas estão contando?

REFERÊNCIAS

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas - a construção da perspectiva de gênero no Jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 14. Florianópolis: Insular, 2019.

HADLAND, Adrian; BARNETT, Camilla. **The state of news photography**: Photojournalist's attitudes toward work practices, technology and life in the digital age. World Press Photo; University of Stirling, 2018. Disponível em: https://www.worldpressphoto.org/getmedia/4f811d9d-ebc7-4b0b-a417-f119f6c49a15/the_state_of_news_photography_2018.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniëlle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord. Geral); Mick, Jacques... [et al.]. **Perfil do jornalista brasileiro 2021 : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. 1. ed. Florianópolis : Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica [p. 71-99]. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, Nathália Cunha da. **Mulheres fotojornalistas: influência cultural dos estereótipos de gênero na perspectiva da carreira**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Joinville - SC - 2018.